



AS ELEIÇÕES NO CORINTHIANS



# LACAR

N.º 874 2/MARÇO/1987 Cz\$ 25,00



## E A LUTA CONTINUA

*Evair e Careca deixaram a decisão para quarta-feira*



**Guarani, 1 a 0** **EVAIR, 24º GOL**



**São Paulo, 1 a 1** **CARECA, 24º GOL**

# FUDDA BRASILEIRO

EDIÇÃO ESPECIAL  
DO CAMPEÃO



Não perca a próxima  
edição de PLACAR com  
a história completa  
do Campeão Brasileiro.

Excepcionalmente 28/2, sábado

# PLACAR

Nas bancas

SERGINHO

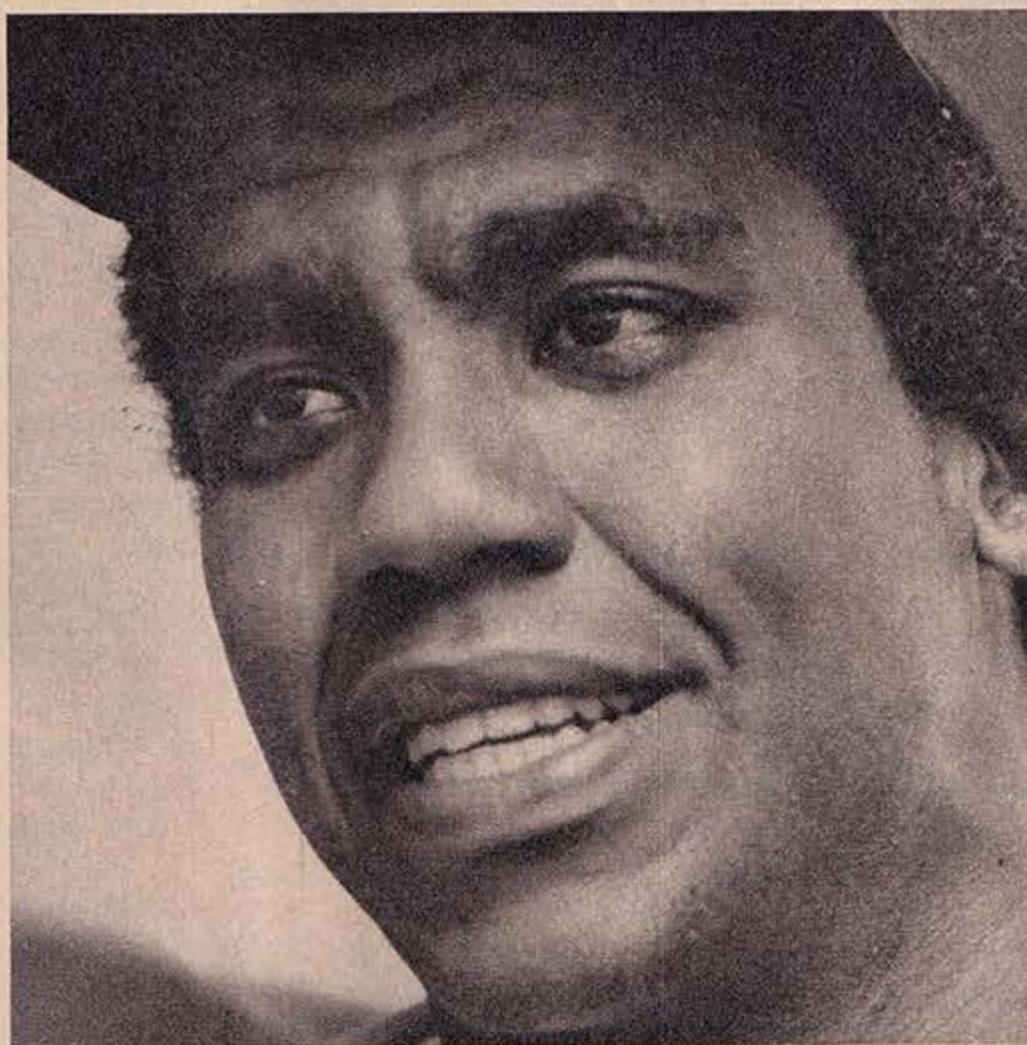
# “NÃO CORRO DO PAU”

*O veterano e polêmico artilheiro gosta de sua imagem de homem mau e jura que ainda tem lenha para queimar*

**D**as múltiplas definições sobre esse artilheiro de 1,87 m, 84 kg e chuteiras número 44, a de Pedro Pires de Toledo, ex-preparador físico do São Paulo, agora no Guarani, retrata com mais rigor o que pensam os adversários. “Ele tem uma porção de coisas que atemorizam: olhos grandes, boca enorme, muitos dentes, voz grossa e é um negro alto e forte.”

Aos 34 anos de idade, dezesseis de carreira, Sérgio Bernardino já aterrorizou zagueiros, goleiros, juizes e até fotógrafos à beira do campo. Sua biografia de encrenqueiro inclui, entre outras ocorrências, catorze meses de gancho por chutar um bandeirinha (1978), um pontapé no rosto do goleiro Leão (1981) e três meses de detenção com direito a sursis por agressão a fotógrafos (1983). Em contrapartida, é dono de um currículo que inclui muita felicidade, gols e títulos. Defendendo o São Paulo, foi campeão estadual em 1975, 1980 e 1981, e brasileiro em 1977. Com um solitário gol dele, o Santos conquistou o Paulistão de 1984. A rigor, Serginho só se deu mal com duas camisas: a da Seleção Brasileira, na Copa da Espanha, em 1982, e a do Corinthians, em 1985.

Há duas semanas ele recebeu passe livre do Santos, para o qual havia voltado no ano passado. Nesta entrevista ao repórter Nelson Urt, Serginho, com seu estilo inconfundível, recorda as confusões e alegrias do passado, e fala de seus planos para o futuro.



Serginho: “Já fiz mais de quinhentos gols. E quem me bate, leva”

**PLACAR** — *Você já pensou em parar?*

**SERGINHO** — Nada disso. Ainda estou atrás de grana e gols. Irei bem mais longe. Tenho uns três ou quatro anos para queimar. Ao contrário de muita gente por aí, o Chulapa está inteirinho, com todos os ossos e meniscos no lugar. Além do mais, tenho currículo e experiência.

**PLACAR** — *Mas a idade já começa a pesar?*

**SERGINHO** — É o que sempre imaginam no Brasil. Aqui é uma desgraça: passou dos 30 anos já é velho. Olhem só Luisinho do América: com 35 anos, está es-traçalhando. E Luís Pereira, com 37? Saiu do Corinthians e deixou a defesa órfã. Ninguém mais faz a cobertura de

ninguém. Não adianta um jogador ter 20 anos e fugir do pau. Tem muito camisa 9 por aí que corre da área porque tem medo. Eu não tenho. Careca e Mirandinha são os melhores centroavantes do país e eu ainda me coloco no mesmo nível deles. Idade não tem nada a ver. Idade é a cabeça, o físico e a coragem do cara.

**PLACAR** — *Com o passe livre você não acha que entrou na rota da desvalorização?*

**SERGINHO** — Não. Passe livre só faz mal para um garoto ainda desconhecido. Comigo é diferente. Tenho mais de quinhentos gols nas costas e já fui quatro vezes campeão paulista e uma vez brasileiro. O time que me

contratar não vai se arrepender. Vai para a cabeça.

**PLACAR** — *E essa imagem de homem mau não atrapalha?*

**SERGINHO** — Pelo contrário, só me ajudou até agora. Centroavante tem de impor respeito. Quem me bate, leva. Esse temperamento explosivo me acompanha desde os tempos de moleque, no Vasco da Gama da Casa Verde, em São Paulo. A negrada toda enchia a carroceria do caminhão e saía para jogar. Era briga todo domingo. Aí eu me tornei uma revelação (*risos*).

**PLACAR** — *Em 1978, num jogo entre São Paulo e Botafogo de Ribeirão Preto, você agrediu o bandeirinha Vande-*

NELSON COELHO

valdo Rangel e pegou catorze meses de suspensão. A má fama começou aí?

**SERGINHO** — Eu não faria aquilo de novo, mas até esse episódio eu guardo como recordação. O bandeira anulou um gol legítimo e parti para cima dele feito um touro bravo. Não consegui me controlar. Minha pena foi reduzida para nove meses, mas por isso deixei de ser convocado para o Mundial de 1978. Passava por uma das melhores fases de minha carreira. Acredito que deixei de ir à Copa da Argentina por motivos políticos.

**PLACAR** — *Você já jogou dopado?*

**SERGINHO** — Não. Tive um problema com o remédio Sinustrat, para sinusite. Quando fui para o exame antidoping, estava com a caixinha do remédio na mão. Quiseram, então, armar uma jogada contra mim. Antes de sair o resultado do exame, espalharam que eu havia jogado dopado naquela decisão do Santos contra o Corinthians, em 1984.

**PLACAR** — *Terminou tudo bem?*

**SERGINHO** — Fiquei marcado, mas tive costas largas para encarar a situação. Uma confusão a mais ou a menos que eu me metesse não iria fazer diferença em minha carreira. Então, procurei até tirar proveito disso.

**PLACAR** — *Como assim?*

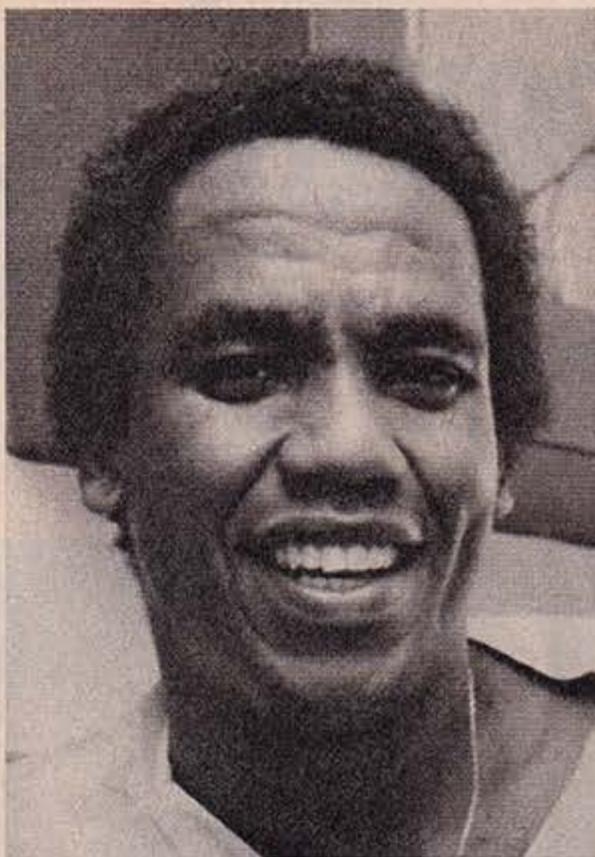
**SERGINHO** — Assinei um contrato de publicidade com a Sinustrat. Ainda deu para ganhar um troco (*risos*).

**PLACAR** — *Há muito doping no futebol?*

**SERGINHO** — Tem muita gente que costuma usar. Só faz mal, mas é responsabilidade de cada um. O jogador não pode se deixar levar por maus conselhos. Tem de ser esperto porque pilantra há em todo lugar. Existe muita fantasia também. Aqui, quando aparece um time correndo muito, logo vão dizendo que está todo mundo de cabeça feita. Falta respeito ao atleta. A própria lei não nos ampara. Deveria haver sigilo absoluto até que saísse um resultado de contraprova.

**PLACAR** — *Você ganhou fama de artífice das decisões. Qual a receita para vencer uma final?*

**SERGINHO** — Calma e determinação.



NELSON COELHO

**“Saí do Santos numa boa, mas clube é o São Paulo. Lá, a cartolagem é decente e o próprio jogador se enquadra”**

Em 1984, quando fiz o gol que deu o título paulista para o Santos, contra o Corinthians, tinha certeza da vitória. Os jogadores corintianos já entraram em campo assustados. Até falei para Márcio, nosso zagueiro: “Baixa o pau que hoje vamos ganhar esse jogo”. Não deu outra. O Santos tinha um time mais consciente. E contava no comando com a competência do falecido Castilho.

**PLACAR** — *Com Castilho, você não teve problemas?*

**SERGINHO** — Nem poderia. Era um técnico tranqüilo. Aliás, fiquei abismado com a morte dele. Era um homem rico e seguro de si. Ele me entendia tanto que, na semana da decisão, fui dispensado dos treinos. Castilho me disse: “Só quero que você faça duchas, massagens, relaxe bastante e marque o gol da decisão”.

**PLACAR** — *Treinar então não é com você?*

**SERGINHO** — Não é bem assim. Cada jogador sabe do que mais precisa. Não tenho o estilo de Careca nem de Mirandinha para ficar fazendo treinamentos de velocidade. Acho que não preciso ficar subindo e descendo morro se, na hora do jogo, o campo é plano. Eu treino jogando. Sou de ficar enfiado entre os zagueiros e só preciso estar bem preparado para receber, fazer o giro e colocar a criança lá dentro. Sou um pivô fixo, entende?

**PLACAR** — *Você esta em forma?*

**SERGINHO** — Nunca desejo estar 100% em forma. Fico todo quebrado se estiver acima dos 60% e abaixo dos 40%. Meu biótipo é que manda assim.

**PLACAR** — *O que o Santos precisa para melhorar?*

**SERGINHO** — Já renovou o contrato de Rodolfo Rodríguez e fez boas contratações, como Osvaldo e Chicaço. Mas precisa se reforçar mais. Qualquer time que pretenda ganhar o título paulista precisa tentar se nivelar ao São Paulo, que tem o melhor elenco do país. Sei que não é fácil. O importante é que o Santos está se mexendo, até na parte social, que andava abandonada.

**PLACAR** — *Você brigou no Santos?*

**SERGINHO** — Podem dizer o que quiser, mas saí numa boa. Não posso me queixar do Santos. Sempre me senti muito à vontade na Vila Belmiro. Acontece que, pela nova lei, eu tinha direito a 90% do valor do meu passe. Como eles me deviam uma grana, cobri os 10% restantes e fizemos um acordo. Melhor sair já e disputar o Campeonato Paulista em casa nova.

**PLACAR** — *Se dependesse da torcida, você ficaria?*

**SERGINHO** — Acho que sim. Nunca vou esquecer a galera santista. Gostava tanto de mim que fui aplaudido ao sair de campo expulso. Eu havia peitado aquele “guarda-roupa” do Júlio César, então no Guarani.

**PLACAR** — *Por que você não deu certo no Corinthians?*

**SERGINHO** — No papel, aquela equipe de 1985 foi a melhor em que joguei. ▷

Bem superior à de agora. Estava tudo bem enquanto Adílson Monteiro Alves, com a democracia corintiana, tomava conta do clube. Mas depois entraram os "cabeças-de-bagre" e enterraram o time. Era muito cacique pra pouco índio, excesso de pressão e ambiente carregado. Eu não via a hora de passar o ano para me mandar dali. Depois que espirramos, eles nunca mais conseguiram arrumar um bom time.

**PLACAR** — Dizem que você tem horror ao futebol carioca e jamais aceitaria jogar lá. Verdade?

**SERGINHO** — Não tenho nada contra os cariocas. Mas parece que eles não me engolem. Há uma "panela" no Rio sempre na minha marcação. Acho que isso se deve ainda ao episódio da decisão da Copa Brasil de 1983, o grilo com aqueles fotógrafos no Maracanã. É natural eu querer evitar jogar num lugar onde certas pessoas não vão com a minha cara. Mas não descarto essa possibilidade. Quem sabe esse venha a ser mais um desafio em minha carreira.

**PLACAR** — Onde você teve mais prazer em jogar?

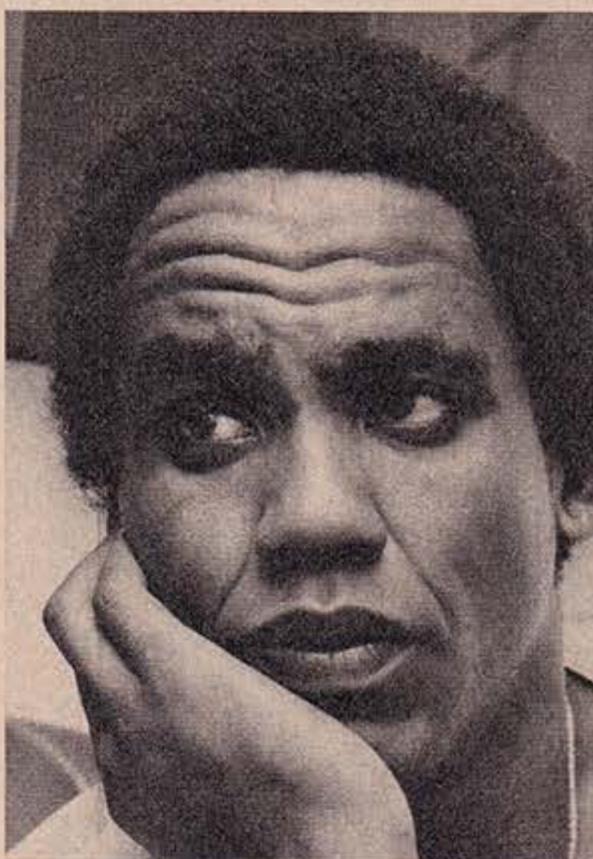
**SERGINHO** — No São Paulo. É o maior clube do mundo. Por isso eu continuo são-paulino até hoje. Lá a cartolagem é decente, responsável e inteligente. O São Paulo sabe como tratar um jogador. E só de entrar no Morumbi o próprio jogador se transforma e procura se enquadrar.

**PLACAR** — Então por que você deixou o São Paulo?

**SERGINHO** — Precisava sair. Já estava lá há muito tempo e tive a chance de ganhar uma boa grana indo para o Santos. Mas eu quase desisti. Tive vontade de chorar quando fui embora.

**PLACAR** — Já na Seleção Brasileira você se deu mal, não é?

**SERGINHO** — Nem poderia ser o contrário. Em 1982, era lobo querendo comer lobo. Juro que, se eu pudesse, enforcaria uns seis caras daqueles numa árvore. Era um ambiente sujo. Tinha um monte de pilantras lá dentro. Foi uma desgraça. Seleção é ilusão. Só não briguei porque deixei barato. Eu tinha mesmo era vontade de pedir



**"A derrota na Copa de 1982 foi uma lição para os metidos a estrela. Edinho é um falso cacique, um canalha"**

dispensa. Eu olhava na cara de certas pessoas e tinha ânsia de vômito. Por isso achei que tomamos uma paulada legal. A derrota serviu de lição para muita gente metida a estrela.

**PLACAR** — Cite nomes.

**SERGINHO** — Edinho. Esse é um canalha, um falso cacique.

**PLACAR** — Qual sua receita para montarmos uma boa Seleção?

**SERGINHO** — Trabalhar com honestidade e planejamento. É preciso preparar o time desde já, com um técnico permanente, e dar chance para garotos como Silas, Müller. Temos de renovar.

**PLACAR** — Seu futuro, como o de Dadá Maravilha, será vestir a camisa 9 da Seleção Brasileira de Seniores?

**SERGINHO** — Nessa Seleção, ao contrário da outra, ainda sentirei prazer e

orgulho de jogar. Graças à iniciativa de Luciano do Valle, foi a melhor novidade que surgiu no futebol brasileiro nos últimos anos. Um bom jogador agora sabe que, quando pendurar as chuteiras, sempre terá uma nova chance para se exibir à torcida. É gratificante esse reencontro com a massa.

**PLACAR** — Você nunca aceitou propostas para jogar no exterior. Por quê?

**SERGINHO** — Não troco minha liberdade por nada desse mundo. Viver lá fora, para mim, seria uma prisão. Se já não penso em sair do eixo São Paulo—Santos, imagine ir para o exterior. É o passo errado que muita gente tem dado. Aceitam propostas para sair e depois se arrependem. Com isso, nosso mercado lá fora vai ficando cada vez pior. Eu prefiro não me lamentar depois.

**PLACAR** — Além do mais, você ficaria sem o Carnaval, certo?

**SERGINHO** — O Carnaval para mim é sagrado. Posso estar até com a perna engessada. Saio na minha Camisa Verde e Branco em São Paulo e esse ano na União Imperial em Santos. Essa é a minha liberdade.

**PLACAR** — Quando parar você vai ser cantor?

**SERGINHO** — Como cantor já fui reprovado por Nair Belo no programa do falecido Flávio Cavalcanti (*risos*). Quando fui divulgar meu LP, o primeiro e único de minha carreira, ela disse: "Como cantor, você é um excelente goleador" (*risos*). Na verdade, aquele LP foi uma palhaçada. Comecei a gravar às 7 da manhã e terminei às 10 da noite. De 3 000 cópias, dei 2 500 de presente. Para quem não queria comprar, eu dava. Até porque sofri a concorrência de Benito di Paula e Alcione, que lançaram seus LPs na mesma época (*risos*). Mas agora pretendo fazer um trabalho profissional.

**PLACAR** — É mesmo?

**SERGINHO** — Gravarei um compacto com composições de meu amigo Almir Guineto. Quero entrar no embalo do pagode. Nair Belo que me desculpe (*risos*). □



Careca — aqui contra Marco Antônio Boiadeiro — e seu pensamento positivo: "A sorte pode mudar de lado em Campinas"

## COPA BRASIL

# ESTA GUERRA VAI CONTINUAR

*Quarta-feira o país do futebol  
estará de olho em Campinas, no tudo ou  
nada entre São Paulo e Guarani*



Isolado num canto de sua sala, o técnico Pepe, do São Paulo, impacientou-se diante da originalidade da pergunta. "O que faltou?", repetiu franzindo a generosa testa. "Faltou acertar no gol." No outro vestiário, Gainete, do Guarani, referendava a opinião do colega: "A sorte estava do nosso lado", reconhecia, tendo o cuidado de bater três vezes numa divisória de madeira. Os curtos comentários dos treinadores referiam-se às traves, surpreendentes atrações do empate de 1 x 1, domingo passado, no Morumbi, na primeira partida da final da Copa Brasil.

"Até no nosso gol a bola teve de bater na trave antes", lembrava Sídney, autor do chute que resultou no re-



FOTOS SERGIO SADE

Nelsinho, à direita de Darío Pereyra e do bugrino Chiquinho Carioca: "Agora não é hora de entregarmos a rapadura"

bote aproveitado por Careca para marcar seu 24.º gol no campeonato. Sem contar esse lance, a bola insistiu em acertar outras três vezes na moldura — como dizem os narradores esportivos de Portugal — defendida por Sérgio Néri. Por isso, azar era a palavra mais ouvida do lado tricolor. "Poderíamos ter definido tudo aqui", queixava-se Wágner. "Pelo que os dois times fizeram, o resultado foi injusto", balbuciava Pita. "A sorte pode mudar de lado em Campinas", esperava Careca — que escapou do Morumbi ainda uniformizado, fugindo do cerco de repórteres, torcedores e sapos em geral.

Apesar da frustração, havia tranquilidade nas chamadas hostes são-paulinas. "O mais importante é que

o time melhorou em relação aos jogos contra o América", descobria Pepe. "Se repetirmos esse futebol, dá para chegar lá."

**GENEROSA RAPADURA** — "Vamos ter de marcar por pressão", sugeria Sídney. "Já jogamos 33 partidas", contabilizava Nelsinho. "Não é agora que vamos entregar a rapadura." Generosa rapadura, já que a diretoria acena com 150 000 cruzados pelo título. Dinheiro não será problema. Só no domingo, cada time faturou 2,6 milhões de cruzados, soma que não inclui o 1,5 milhão que os times levaram da Rede Manchete pelo televisamento das finais. "Nessa hora, não pensamos nisso",

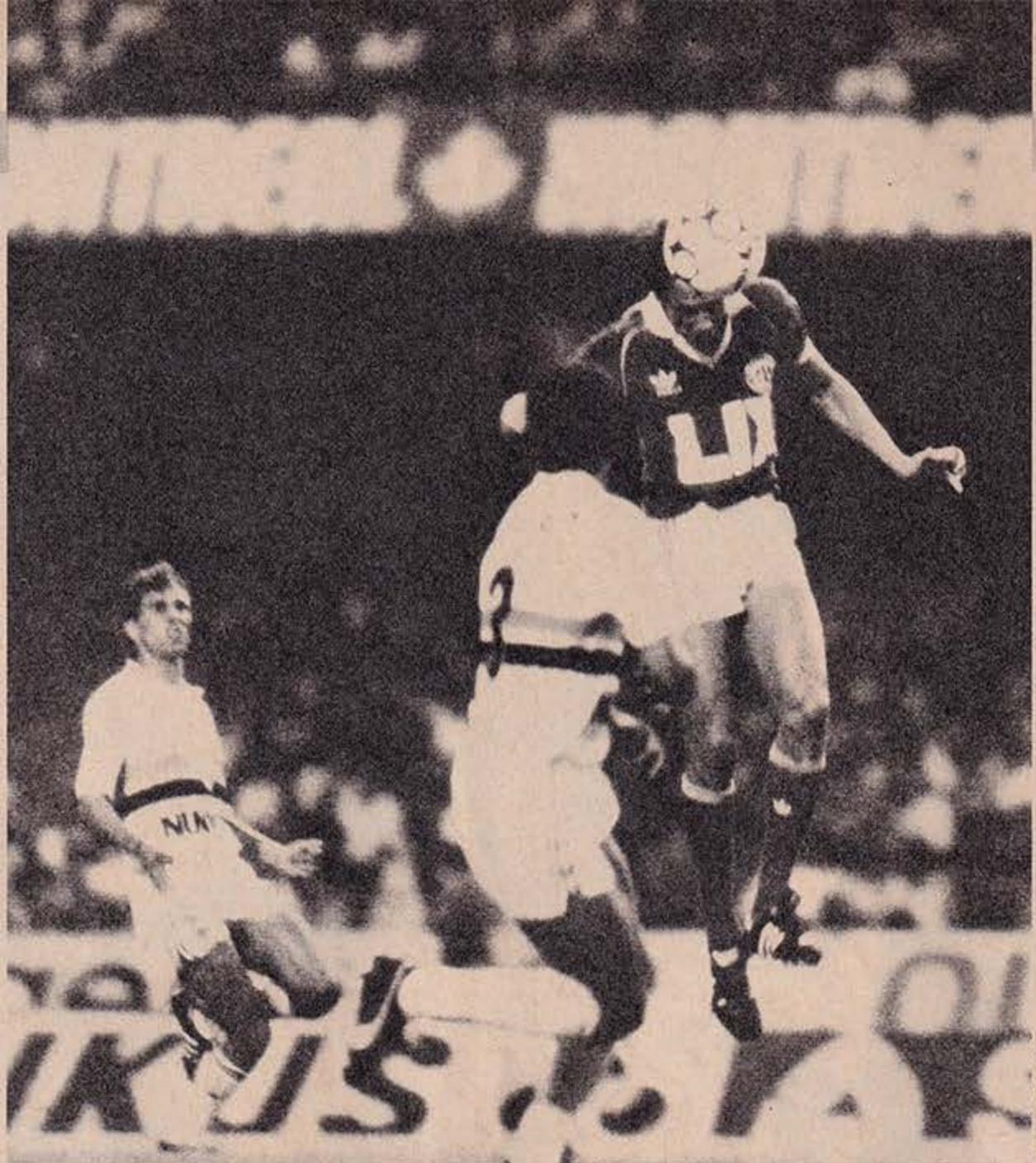
informava Darío Pereyra. "Grana se gasta, o título é eterno."

Também no Guarani ninguém gosta de falar nos 120 000 de prêmio em caso de vitória. "No começo do campeonato, os próprios jogadores duvidavam da capacidade do time", recorda o preparador físico Pedro Pires de Toledo. "Agora, está tudo diferente." De fato, a ex-zebra de Campinas já está na Taça Libertadores e, como o São Paulo, já sonha com o título mundial, no Japão, em dezembro. Justo delírio para quem, antes do empate de domingo, teve de passar pelo Atlético Mineiro. Um dramático empate no Mineirão e uma grande virada em Campinas garantiram a vaga e tor-▷

## Campinas e seu novo ídolo: um John Wayne caipira

naram Marco Antônio Ribeiro, 21 anos, um ídolo como Evair.

Marco Antônio, conhecido como Boiadeiro, marcou o gol que deu início à decisiva vitória sobre o Atlético e caiu nas graças da torcida. Na equipe, já tinha herdado o lugar de Barbiéri no meio-campo e, mesmo sem o brilho do titular, tornou-se o cérebro do Guarani. Filho de um fazendeiro de Barra do Garças, em Mato Grosso, Boiadeiro ainda desfila no Brinco de Ouro feito um John Wayne caipira: botas de cano longo e bico fino, cinto largo e camisa xadrez. Tampouco se inibe com os pedidos de emissoras de rádio da cidade. Nos microfones mais amigos, costuma cantarolar *Terra*



Evair sobe de cabeça para fazer Guarani 1 x 0: "Aquele bola veio com açúcar"

NELSON COELHO

## O SÃO PAULO CAMPEÃO DE 1977

Convenhamos: não era propriamente uma máquina de jogar futebol. O São Paulo, campeão brasileiro de 1977, chegou à final com o poderoso Atlético Mineiro de mansinho, correndo por fora. Este time sem grandes estrelas foi, porém, muito bem armado por um Rubens Minelli, então, em grande forma. Possuía basicamente a raça de Chicão, um Darío Pereyra que começava a luzir, os gols de Serginho — que não participou da decisão por estar suspenso — e a segurança de Waldir Peres.

Foi um domingo, 5 de março de 1978, em pleno Mineirão, terreiro do Galo. O São Paulo entrou em campo com Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Darío Pereyra; Viana (Neca); Mirandinha e Zé Sérgio. O Atlético formou com João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo, Ângelo e

Serginho; Caio Cambalhota (Joãozinho Paulista), Marcelo (Paulo Isidoro) e Ziza. No apito, Arnaldo César Coelho.

Quase 103 000 torcedores, a maioria absoluta atleticana, foram vendo o título tomar o caminho da Paulicéia — primeiro durante os 90 minutos, depois na prorrogação. O tricolor segurou galhardamente o 0 x 0 em 2 horas de futebol, levando a decisão para os pênaltis. E aí surgiu a catimba de Waldir, acostumado a desestruturar os indecisos naquele momento fatal.

Pelo São Paulo, cobraram e converteram Peres, Antenor e Bezerra — Getúlio e Chicão erraram. Do lado do Galo, Ziza e Alves acertaram o pé, mas, sob o deboche de Waldir, Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio desperdiçaram. Naquele dia, "São" Waldir operou um milagre: acrescentou o vermelho ao alvinegro atleticano. Transformou o Mineirão num templo tricolor.



Chiquinho Carioca dispara pela...



SERGIO BEREZOVSKY

Uma luta particular: Zé Teodoro pára o arisco João Paulo com violência

Tombada, de Xitãozinho e Chororó, sua dupla predileta.

A única coisa capaz de excitá-lo é a lembrança de poder ser campeão brasileiro nesta quarta-feira. "Que é isso? É mais fácil pegar um touro a unha que enfrentar o São Paulo", desconversa. A seu lado, o centroavante Evair descrevia o lance de seu 24.º gol — que o manteve igualado a Careca na artilharia. "A bola veio com açúcar. Até deu para escolher o canto", detalhava. Ele só lamentava que o time não tenha segurado a vantagem. "Faltou um pouquinho mais de calma", concluía.

Calma, o grande apoio de sua torcida e até o campo com dimensões menores são os trunfos que o Guarani espera contar para repetir o feito de 1978, quando levantou o campeonato na final contra o Palmeiras, com uma vitória de 1 x 0, gol de Careca. Só que agora o goleador está do outro lado. "Marcar o maior centroavante do mundo é uma tarefa que não admite



NELSON COELHO

...direita: por ali saiu o gol

## O GUARANI CAMPEÃO DE 1978

Um time sem estrelas. Foi assim que se definiu na época o Guarani campeão brasileiro de 1978. Mas, oito anos depois, com a necessária distância crítica, a afirmação soa um tanto extemporânea. Afinal, daquela equipe, três craques brilharam na atual Copa Brasil — Renato e Zenon, no Atlético Mineiro, e Careca, no São Paulo. Sem contar que o Bugre ainda tinha Zé Carlos, em fim de carreira, é verdade, mas com talento e experiência suficientes para evitar que os companheiros perdessem o controle emocional.

Naquele domingo, 13 de agosto de 1978, no Brinco de Ouro, em Campinas, o Bugre não contava com Zenon, suspenso, mas a frieza do velho Zé Carlos foi fundamental. O Guarani jogou com Neneca, Mauro, Gomes, Édson e Miranda; Zé Carlos e Manguinha; Capitão, Renato, Careca e Bozó. O Palmeiras formou com Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão (Jair Gonçalves), Alfredo e Pedri-

nho; Ivo, Toninho Vanusa e Jorge Mendonça; Sílvio, Escurinho e Nei. Na arbitragem, José Roberto Wright.

O Guarani entrou em campo com vantagem: afinal, na quinta-feira anterior, dia 10, no Morumbi, havia derrotado o Palmeiras, por 1 x 0, gol de Zenon de pênalti aos 31 minutos do segundo tempo. Com isso, a estratégia só podia ser uma: explorar o nervosismo adversário.

E a situação ficou melhor ainda depois que Careca marcou aos 37 minutos do primeiro tempo. Então, o Palmeiras partiu para o desespero no segundo tempo. Foi aí que Zé Carlos mostrou tudo aquilo que o clube procurou ao contratá-lo: era quem acalmava quando o ainda inexperiente Careca errava ou quando Capitão, tenso, não dava o pique certo. A tranquilidade de Zé Carlos contagiou o time. E o Guarani, de tão seguro, ainda dominou os últimos 10 minutos.



*Cena da primeira batalha, travada no Morumbi: o infernal Careca passa por Zé Mário, caído, e sofre a perseguição do...*

SERGIO BEREZOVSKY



Wágner, Evair, Zé Teodoro e Marco Antônio: novo duelo nesta quarta-feira

## O técnico do Bugre dá o tricolor como favorito

erros", afirmava o ótimo zagueiro Ricardo. O técnico Carlos Gainete era ainda mais cauteloso. "O São Paulo tem onze jogadores de Seleção e é o favorito", dizia.

O treinador do Guarani jogava confete no inimigo, arrependido da dispensável controvérsia mantida com Pepe dois dias antes do jogo. Na ocasião, Gainete afirmou que jamais trabalharia com estrelas, alusão ao elenco milionário do São Paulo. Pepe não gostou e aconselhou: "Se um dia o São

Paulo te convidar, aceite correndo". De quebra, o diz-que-diz chegou a Careca. Irritado com a observação de Gainete, prometeu, e marcou, o "Gol Estrela", homenagem ao treinador do Guarani — ou não seria à fábrica de brinquedo que quer ajudá-lo a ficar no São Paulo?

**CAMINHO DA ALEGRIA** — A discussão, de resto, serviu para elevar a temperatura da final apenas até a hora do jogo. Depois que o juiz Romualdo Arppi Filho apitou, o que se viu foi um jogo arduamente disputado. Dono do melhor ataque da Copa Brasil, com 58 gols, o São Paulo rapidamente soube por que o Guarani era a melhor defesa, com 14 gols sofridos. E no final, ape-▷

SERGIO SADE

...lúcido Marco Antônio Boiadeiro



Careca empata o jogo e tira o São Paulo do maior sufoco: os tricolores têm a promessa de um prêmio de 150 000 cruzados para...

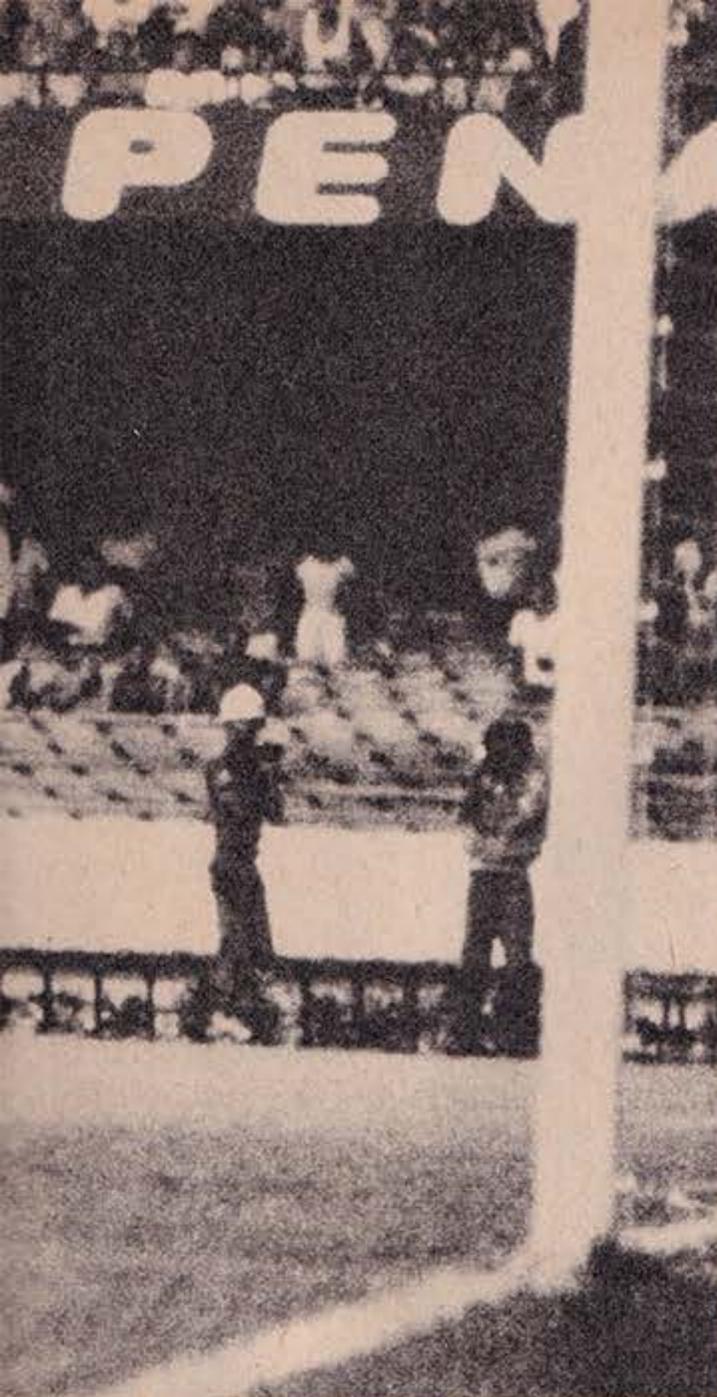
## AS NOTAS PARA A BOLA DE PRATA

SÃO PAULO		
Gilmar	5	Só teve o nome de bom goleiro
Zé Teodoro	7	Violento mas eficiente
Wágner	7	O arroz-com-feijão de sempre
Dário Pereyra	8	Boa marcação sobre Evalr
Nelsinho	7	Mostrou que está em boa fase
Bernardo	7	Desta vez foi só discreto
Silas	5	Mal. Sua nota é até um lucro
Pita	6	Raros instantes de bom futebol
Müller	7	Duas bolas na trave. Pouco
Careca	9	Um gol e alguns toques de gênio
Sídnei	7	Boa atuação. Mas sabe fazer mais
Planelli	7	Entrou e não complicou

GUARANI		
Sérgio Nérl	8	Discreto e muito seguro
Marco Antônio	6	Teve trabalho com Sídnei
Fernando	6	Não é um estilista
Ricardo	8	Firme. Uma ótima presença
Zé Mário	6	Um lateral apenas comum
Tosin	7	Seu forte é a marcação
Tite	7	Um carrapato. Grudou em Pita.
Nei	7	Entrou e não comprometeu
Boladeiro	8	Instantes de inteligência
Chiquinho	6	Cruzou para o gol. Só isso
Catatau	7	Melhor que Chiquinho
Evalr	8	Um gol e um ótimo lance
João Paulo	7	Foi parado a pontapés



Boladeiro persegue Zé Teodoro: "É mais fácil..."



...conquistar o título nacional

LEVI MENDES JR



...pegar um touro à unha"

SERGIO SADE

## COPA BRASIL

### Dois artilheiros dividindo a atenção da torcida

sar das traves, o empate ficou de bom tamanho.

Nesta quarta-feira, toda emoção e energia acumuladas ao longo do campeonato explodirão em 90 — ou 120 — minutos (ou até nos pênaltis, se

houver empate também na prorrogação), administradas pelas chuteiras mais competentes do Brasil na atualidade. Chuteiras como as de Silas, Boiadeiro, Müller, Ricardo e Bernardo. Mas, sobretudo, será em Evair e Careca que todos os olhos estarão fixados. São as chuteiras de ambos, afinal, que conhecem mais do que nenhuma outra o caminho da alegria.

Ari Borges, Betise Assumpção e Nelson Urt

## O CAMINHO RUMO À GRANDE FINAL

### SÃO PAULO

#### Primeira Fase

30/8 — 1 x 0 Coritiba (F)
3/9 — 1 x 1 Sobradinho (F)
7/9 — 1 x 1 Bangu (C)
14/9 — 4 x 0 Ceará (C)
21/9 — 0 x 0 Inter-RS (C)
24/9 — 4 x 0 S. Correa (C)
28/9 — 3 x 2 Fluminense (F)
30/9 — 2 x 1 Operário-MS (F)
2/10 — 2 x 0 Remo (F)
5/10 — 3 x 2 Sport (C)

#### Segunda Fase

12/10 — 2 x 0 Ponte Preta (F)
19/10 — 2 x 0 Santos (N)
22/10 — 2 x 0 Bangu (C)
26/10 — 1 x 1 América (C)
2/11 — 0 x 0 Palmeiras (N)
9/11 — 0 x 0 Joinville (F)
12/11 — 0 x 1 Treze (F)
19/11 — 5 x 0 Botafogo (C)
23/11 — 0 x 0 Santos (N)
30/11 — 0 x 0 América (F)
3/12 — 4 x 1 Treze (C)
7/12 — 0 x 0 Botafogo (F)
10/12 — 6 x 0 Ponte Preta (C)
14/12 — 2 x 2 Palmeiras (N)
24/1 — 5 x 0 Joinville (C)
29/1 — 0 x 1 Bangu (F)

#### Terceira Fase

1.º/2 — 1 x 2 Inter-SP (F)
4/2 — 3 x 0 Inter-SP (C)

#### Quarta Fase

8/2 — 0 x 1 Fluminense (F)
11/2 — 2 x 0 Fluminense (C)

#### Quinta Fase

15/2 — 1 x 0 América (C)
18/2 — 1 x 1 América (F)

### GUARANI

#### Primeira Fase

31/8 — 1 x 0 Cruzeiro (C)
7/9 — 1 x 0 Vasco (F)
10/9 — 0 x 0 Rio Branco (F)
13/9 — 0 x 1 Atlético-GO (F)
17/9 — 1 x 0 Náutico (C)
21/9 — 1 x 0 Santos (F)
24/9 — 1 x 1 Bahia (C)
28/9 — 2 x 0 Operário-MT (C)
1.º/10 — 8 x 2 Piauí (C)
5/10 — 4 x 1 Tuna Luso (F)

#### Segunda Fase

19/10 — 3 x 0 Atlético-GO (F)
22/10 — 2 x 1 Grêmio (C)
26/10 — 0 x 0 Flamengo (F)
30/10 — 3 x 0 Central (C)
2/11 — 2 x 1 Fluminense (F)
5/11 — 3 x 1 Santa Cruz (C)
16/11 — 2 x 0 Vitória (F)
19/11 — 0 x 1 Goiás (C)
26/11 — 0 x 0 Goiás (F)
30/11 — 4 x 0 Vitória (C)
3/12 — 1 x 1 Santa Cruz (F)
7/12 — 3 x 1 Central (F)
11/12 — 0 x 0 Flamengo (C)
14/12 — 0 x 0 Fluminense (C)
25/1 — 1 x 0 Grêmio (F)
28/1 — 2 x 0 Atlético-GO (C)

#### Terceira Fase

31/1 — 3 x 0 Vasco (F)
4/2 — 2 x 0 Vasco (C)

#### Quarta Fase

8/2 — 2 x 2 Bahia (F)
12/2 — 1 x 0 Bahia (C)

#### Quinta Fase

15/2 — 0 x 0 Atlético-MG (F)
18/2 — 2 x 1 Atlético-MG (C)



JUCA KFOURI

## Guarani e São Paulo no duelo final

**E**m matéria de morrer na praia — e os americanos que me desculpem por tirar deles até esse título —, o Atlético Mineiro vem batendo todos os recordes. Basta dizer que, nos últimos dez anos, o Galo figurou seis vezes entre os quatro primeiros, com dois segundos lugares, dois terceiros e dois quartos. E, o que é pior, graças ao fato de não termos um verdadeiro Campeonato Brasileiro, invariavelmente o Atlético somou mais pontos que o campeão da Copa. Foi assim em 1977, quando, invicto, foi vice com dez pontos a mais que o São Paulo, e em 1985, quando ganhou um ponto a mais que o Coritiba, embora terminasse em quarto lugar. Em 1980 e em 1983 ele foi segundo e quarto com o mesmo número de pontos do Flamengo campeão, o que mostra o absurdo das fórmulas empregadas e a necessidade de se contratar um pai-de-santo para o clube. Porque, ao ser eliminado pelo Guarani na última quarta-feira, outra vez o Atlético foi embora com o mesmo número de pontos, 45, que o São Paulo finalista.

E é o tricolor paulista que tem motivos de sobra para estar preocupado com a finalíssima desta quarta-feira. Vai jogar fora de casa, quando tem ido mal — vide derrotas para a Internacional, em Limeira, para o Flu, no Maracanã, e o sofrido empate com o América, também no Rio de Janeiro. O Guarani, ao contrário, saiu-se muito bem sempre que

foi decidir fora de casa. Triturou o Vasco, empatou na Bahia prejudicado pela arbitragem, arrancou um empate heróico no Mineirão diante do Atlético e manteve a saga ao segurar o 1 a 1 com o São Paulo, no Morumbi. Agora, decide em seu campo, respaldado por seus 51 pontos ganhos na Copa Brasil, por seu fabuloso artilheiro Evair, por um time compacto e maduro e por sua gente. Torcida, aliás, está provado, não assusta o quadro campineiro. Em Salvador o Bugre enfrentou mais de 70 000

---

### O time campineiro parece mais perto de um título que o tricolor não está sabendo ganhar

---

torcedores, em Belo Horizonte suportou mais de 60 000 e em São Paulo mais de 80 000.

Talvez só mesmo o infernal Careca possa tirar o sono do técnico Gainete, que tem muitos pontos fracos a explorar no São Paulo. A começar pela defesa, onde a manutenção de Oscar no banco parece ser uma temeridade, principalmente quando o adversário conta com jogadores altos no ataque. Não foi à toa que Washington, do Flu, fez de cabeça no Maracanã e Evair repetiu o feito no Morumbi. Além do

mais, Müller realmente não está numa fase feliz e, não fossem suas apagadas atuações mais recentes, as duas bolas que mandou na trave domingo demonstram seu momento. E tem Pita, jogador de raro talento, provável vencedor da Bola de Prata de PLACAR, mas que, novamente, não consegue render o que sabe nos momentos de decisão. Coincidência ou não, o fato é que o último título ganho pelo São Paulo, o Campeonato Paulista de 1985, flagrou-o no banco de reservas de um setor de meio-campo composto por Márcio Araújo, Falcão e Silas.

É verdade que quem tem Careca tem tudo, mas o treinador Pepe está precisando achar um jeito de ajudá-lo um pouquinho.

De qualquer forma, com toda a bagunça desta Copa, enfim vivemos uma final digna do nome.

**HORA DA CORAGEM** — Se 1986 foi o ano do interior — Inter campeã paulista, Orestes Quercia e Newton Cardoso governadores eleitos —, o de 1987 parece querer imitá-lo. Não só o Guarani já é, no mínimo, o vice-campeão brasileiro, como um outro “caipira” dá o ar de sua graça. Trata-se da figura do treinador Cilinho, que agiu com a firmeza que se espera de alguém que prefere tudo ou nada. Foi o que fez diante da perplexa direção da CBF, mostrando que não quer, a esta altura da vida, fazer testes de competência. Teve peito.



NETO

## CHEGOU A HORA DA VERDADE

*Depois de Guarani e Bangu, o jovem meia chega ao São Paulo a fim de acabar com a má fama e se firmar como craque*



**"D**izem que você é vagabundo, bêbado e irresponsável..." A sutileza de motoniveladora da conversa surpreendeu Neto. Acostumado a ser paparicado no Guarani e no Bangu, o jogador espantou-se. Afinal era a primeira vez que falava com os dirigentes do seu futuro clube, o São Paulo. "Sabemos tudo de sua vida", prosseguiu o gerente de futebol José Eduardo Chimello. "Queremos saber se vai continuar

igual", arrematou o diretor Juvenal Juvêncio. Neto baixou seus profundos olhos verdes, concordou com o papo atravessado e decidiu: "Quero jogar aqui".

Começava ali, na mesa de um bar próximo do Morumbi, a tentativa do São Paulo de recuperar um dos maiores talentos do futebol brasileiro. "Neto sempre admite que precisa mudar", conta o presidente do Guarani, Leonel Martins

de Oliveira, "mas isso nunca acontece." Seu colega tricolor, Carlos Miguel Aida, já avisou: "Na primeira que ele aprontar, volta para Campinas". E desdenha até o 1,1 milhão de cruzados investidos por um empréstimo até 31 de outubro próximo. Em compensação, se Neto explodir como o São Paulo planeja, os 15 milhões de cruzados fixados pelo passe não assustam: "Ele tem só 20 anos", lembra o técnico Pepe.

**CORPO E CABEÇA** — No Morumbi, todos apostam no sucesso da empreitada. Para começar, Neto foi instalado num quarto da concentração, que divide com um atleta de Cristo, Silas. Mais que assistência espiritual, porém, vão trabalhar a cabeça e o corpo do irrequieto reforço. Uma tarefa para o preparador físico Bebeto de Oliveira: "Ele estava cometendo um crime contra si mesmo", constatou Bebeto no primeiro contato.

Os 80 kg em 1,72 m concediam ao jogador uma silhueta mais para lutador de sumô que para jogador de bola. Mas, em uma semana de treinamento duro, já havia emagrecido

Neto: "Não quero terminar como uma eterna promessa"



Bebeto, dando duro no garoto: "Ele será outro homem"

FOTOS SERGIO BEBEZOVSKY

5 kg. "E vou deixá-lo com ideais 72", promete Bebeto, extremamente carinhoso com Neto. Não é raro, por exemplo, ver os dois correndo pelos arredores do Morumbi. As corridas são temperadas por longos papos, nos quais o preparador físico fala de força de vontade, consciência profissional, autoconfiança. "Bebeto é meu primeiro pai", agradece Neto. "Aqui ele vai ser outro homem e outro jogador", retribui Bebeto.

Fora do São Paulo também se acompanha com interesse a "operação Neto". "Será um presente ao futebol brasileiro recuperar esse menino", acredita Rivelino, que enxerga no ex-garoto rebelde do Guarani um forte candidato a repetir sua magnífica trajetória. "Se o São Paulo me agüentou 13 anos, não vai ter problemas com Neto", intervém bem-humorado o centroavante Serginho, que acaba de adquirir seu passe e anda procurando clube.

Mais que ninguém, contudo, é o próprio Neto que descobriu que não pode jogar fora mais esta chance. Por isso, ao contrário do que aconteceu na época de sua primeira saída do Guarani — quando trocou o Co-

rinthians pelo Bangu porque o time carioca oferecia mais dinheiro —, agora ele recusou um contrato mais vantajoso no Santos para acertar com o São Paulo. "Aprendi que dinheiro não é o mais importante", arrisca. Além disso percebeu que seu comportamento profissional poderia acabar mal: "Não quero terminar enganando em times de segunda linha, como eterna promessa", teme.

**REGIME ALIMENTAR** — Dono de dois apartamentos em Campinas e uma chácara em Santo Antônio de Posse (SP), sua cidade natal, além de um reluzente Escort XR-3 do ano, Neto diz que, finalmente, pensa mais no futuro: "Sei que tenho talento para jogar na Seleção", garante sem rodeios, "mas só agora percebi que devo trabalhar muito para chegar lá".

Assim, submeteu-se de bom grado aos cansativos exames endocrinológicos que ditarão, daqui para a frente, seu regime alimentar. Por incrível que possa parecer, foi a primeira vez que passou por tal especialista. "Vale o sacrifício para se chegar a um objetivo", discursa,

sabendo que as adoradas raspadinhas, os hambúrgueres e Coca-Colas estão definitivamente suprimidos de seu cardápio.

Por outro lado, parece ter percebido que apenas seu inegável talento não seria suficiente para que se transformasse em craque. "É preciso disciplina", desconfiou. "O Neto do Guarani era mesmo vagabundo e irresponsável, mas também burro", anuncia num *mea culpa* sintomático — "o do São Paulo vai ser profissional", enfatiza com o cuidado de prevenir que não pretenda virar santo. Paciente, garante que, por ora, nem pensa em ser titular. "Mas, quando entrar nesse time, não saio mais", promete confiante. Enquanto isso, passa as horas disponíveis escrevendo cartas açucaradas para Ana Helena, sua paixão desde os 15 anos. Também aí a ida para o tricolor está presente, já que o pai de Ana nunca viu com bons olhos o namoro da filha com alguém da fama de Neto. "Mas um dia a gente casa", sonha o jogador, piscando os longos cílios. Há bons indícios: o rigoroso "sogro" é são-paulino.

Ari Borges



NELSON COELHO

*Octacílio Oliveira Pires de Camargo, 23 anos de janela: "O futebol brasileiro é coisa séria"*

# CILINHO: O XIS DO PROBLEMA

*Nabi quer vê-lo como técnico permanente. Otávio, não. E quem fica à deriva é o futebol tricampeão mundial*

*“Treinador brasileiro que não joga no ataque não pode ser levado a sério.”*

Cilinho

**E**m outubro de 1985, um grupo de amigos reuniu-se num sítio em Jaguariúna, interior paulista. O dono da propriedade preparara um fantástico arroz com galinha e tirara um estoque de cervejas do congelador. O prato principal do cardápio, porém, era futebol. O mestre-cuca dirigia, então, um São Paulo que andava enchendo os olhos dos amantes da bola bem jogada. Lá pelas tantas, uma conhecida voz começou a sair do aparelho de som. “Ouça, vá viver a sua vida com outro alguém”, cantava a falecida Maysa. O dono da casa fixou seus olhos verdes, como os da intérprete, nos presentes. “A Seleção Brasileira está jogando assim, em ritmo de samba-canção”, comparou. “Comigo será na base do chorinho, à la Jacó do Bandolim.”

Quinta-feira passada, Octacílio Oliveira Pires de Camargo, 48 anos, colocou um pé dentro desse sonho. E só não saiu do prédio da CBF, no Rio de Janeiro, como cacique supremo de todas as seleções brasileiras porque ficou no meio de um fogo cruzado. De um lado está o presidente da entidade, Otávio Pinto Guimarães, velho tiete de Carlos Alberto Parreira, que ad-

mite Cilinho apenas para o torneio Pré-Olímpico, que será disputado em abril, na Bolívia. Do outro está o poderoso vice, Nabi Abi Chedid, que quer Cilinho como técnico permanente. Este ano, além do Pré-Olímpico, a Seleção terá pela proa a excursão à Europa, a Copa América e os Jogos Pan-Americanos. Enquanto os cartolas brigam, ela continua sem comando.

Acostumada a lidar com senhores de espinha mais flexível, a cartolagem da Rua da Alfândega deve

ter estranhado os modos deste homem gordo, meio filósofo, meio boêmio. “Se não for um trabalho a longo prazo, prefiro nem aceitar”, esnobou ele. “Não sou técnico para três meses.” Cilinho embarcou então para uma bem-humorada viagem de volta para São Paulo, adiando a decisão para esta semana.

O risco é calculado. Se Otávio vencer, Cilinho poderá até ser comparado à personagem Viúva Porcina, da novela *Roque Santeiro*: aquela que foi sem nunca ter sido. Em 23 anos de carreira, no entanto, ele sempre foi carne de pescoço — e esta parece ser a primeira vez que alguém dá um murro na mesa de reuniões da Confederação. Mas não é inédito que devido a futricas e interesses pessoais o futebol tricampeão do mundo fique à deriva. É bom lembrar que, no ano passado, por causa das eleições na CBF, Telê Santana teve apenas pouco mais de dois meses para preparar a Seleção para a Copa do México.

Na reunião da última quarta-feira, a cisão na cúpula da CBF ficou transparente. “A Seleção que disputará o Pré-Olímpico será a base para a excursão e depois para ▶



Quinta-feira, na CBF: em meio ao fogo cruzado de Nabi e Otávio

## Muitos vêm nele uma espécie de aiatolá da bola

a Copa América; para que mudar o técnico?”, perguntava Nabi. “Cilinho é um bom nome mas só anunciarei o treinador da Copa América em maio”, alardeava Otávio. “Não vejo por que ter meu trabalho avaliado apenas no Pré-Olímpico”, dava Cilinho seu xeque-mate.

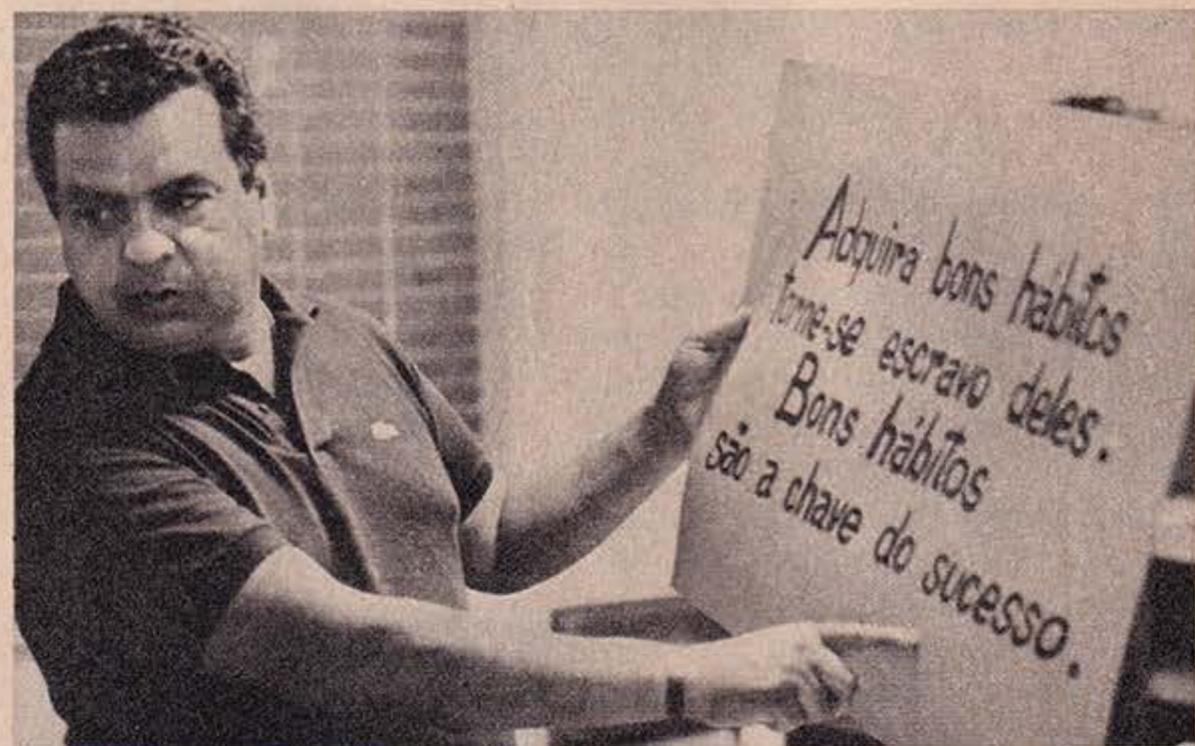
Na verdade, Cilinho só tem seu trabalho para oferecer. Ao chegar à CBF já tinha definido o preparador físico Bebeto de Oliveira e o médico Marco Aurélio Cunha, ambos do São Paulo, para compor uma eventual futura comissão técnica. E tinha a cabeça cheia de planos. “Não vamos nos basear em Rio ou São Paulo, mas percorrer o Brasil, conversando com técnicos locais até encontrarmos o que houver de melhor”, avisava. Frasista incorrigível, para ele “a Seleção deve ser um lugar de reunião de pessoas inteligentes”.

**BUMBUM REAL** — Caso Nabi ganhe a parada — e Cilinho assuma —, dois nomes parecem ter vaga garantida nessa futura Seleção: o volante Bernardo, do São Paulo, e o centroavante Evair, do Guarani. O técnico ficou encantado com o futebol dessa dupla finalista da Copa Brasil. “Sou homem de renovação e por isso luto para ficar com todas as seleções este ano”, prega. “Só assim será possível fazer um trabalho seguro.”

E se não for? Bom, neste caso, Cilinho toma o caminho da roça, ou melhor, do confortável sítio em Jaguariúna. Emprego não é problema, já que ele tem um contrato verbal com a Ponte Preta até o fim do ano. Dinheiro, muito menos. Filho de uma família de pecuaristas da região de Campinas, ele já nasceu com uma gorda conta bancária.



Em 1970, na Ponte Preta: começando a aplicar as lições aprendidas com Tim



O filósofo: bilhetinhos e frases recheadas de altruísmo aos comandados

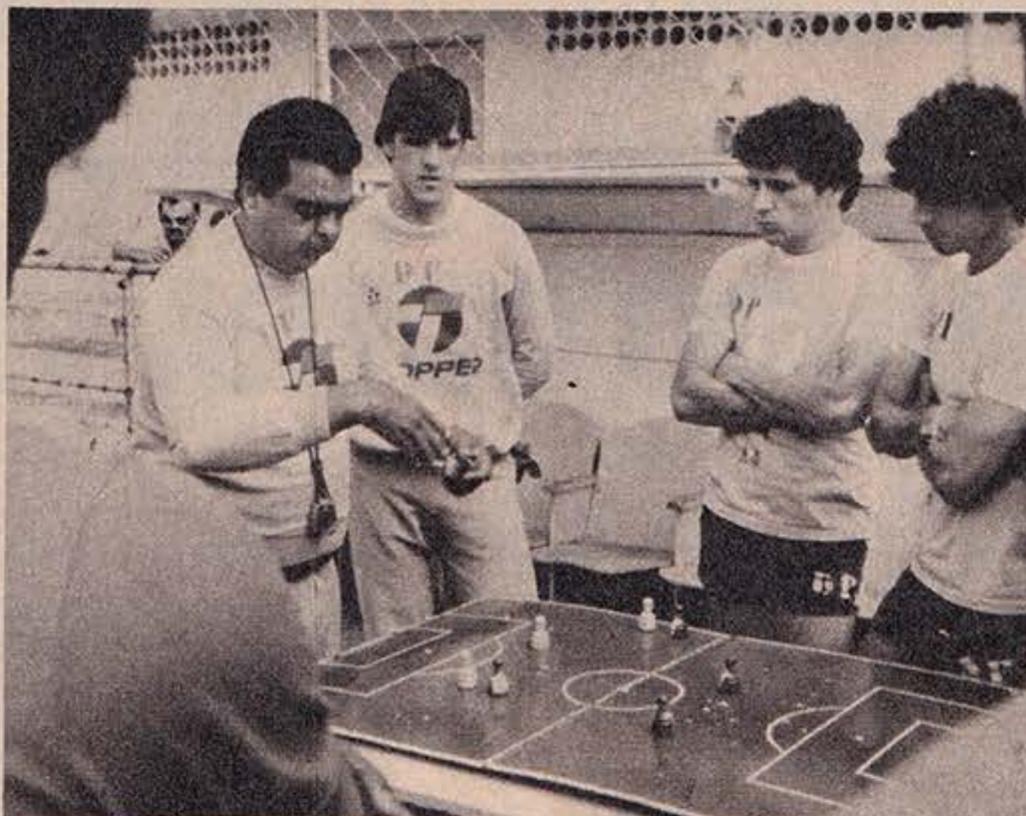
Talvez isso explique algumas atitudes desse treinador que muita gente tem na conta de falastrão, e muitos mais o vêem como uma espécie de aiatolá capaz de revolucionar a maior paixão do povo brasileiro. Em 1985, por exemplo, lixou-se para o Projeto Falcão, investimento de 500 000 dólares (cerca de 9,5 milhões de cruzados ao câmbio atual), destinado a trazer o ex-Rei de Roma para o São Paulo. Ele não gostou do rendimento do jogador e colocou — sem a menor cerimônia — seu bumbum real sentadinho no banco de reservas. Tempos depois, no México, Telê acabaria dando-lhe razão.

Nessas planejadas andanças pelo Brasil à caça de craques de futuro, ele certamente aumentará sua invejável coleção de objetos antigos. Em matéria de medalhões, Cilinho só não aprecia jogadores. Curte também um bom samba e possui uma memória prodigiosa para velhas canções. Toca tamborim, há anos vem escrevendo um livro de memórias, cria cavalos de raça e galos de briga.

Todavia, nem só os galos são de briga. Cilinho tem um pavio curtíssimo. Não foram raras as vezes que se envolveu em quiproquós com jornalistas e juizes. Certa ocasião, o então diretor da TV Campinas, Oli-



MANOEL MOTTIA

*Pavio curto: já foi até chamado de cafajeste*

RONALDO KOTSCHO

*O teórico: chegou a aulas táticas com botões e bonequinhos*

SERGIO BEREZOVSKY

*O turrão, com Falcão no banco: o tempo provou quem estava certo*

NICO ESTEVES

*O único título, em 1985, com o São Paulo*

veira Andrade, hoje na Rede Globo, brindou-o no vídeo com um desagradável adjetivo: "cafajeste". Cilinho tentara descer o braço num repórter da emissora campineira. Em contrapartida, adora dar lições de moral a seus comandados. Seus bilhetinhos estão para o mundo do futebol como os de Jânio Quadros para o da política. Ao contrário das missivas do prefeito de São Paulo, as de Cilinho têm sempre um conteúdo altruísta.

Se Cilinho vai chegar lá ninguém sabe. Depende de Nabi impor sua opinião a Otávio. Em favor do técnico pesa o fato de, desde o início de sua carreira, ter revelado vários

talentos. Carlos, Oscar, Dicá, Chicão, Biro-Biro, Silas, Müller e Sídney são apenas alguns exemplos. Contra ele pesa o argumento de ser um treinador de um título só — com o São Paulo, em 1985. Para isso ele também se lixa. "Já passei da fase de ser um mero treinador de futebol. Hoje sou um formador de homens" é um dos pensamentos prediletos do cidadão que aprecia dar aulas táticas com botões e bonequinhos.

É bom saber que essa nova Seleção que nasce — se chegar a nascer — tem algo a ver com os bate-papos nas mesas do Bar Turfe, em Campinas, em algum lugar dos anos

60. Lá, o então jovem Cilinho, um quarto-zagueiro cujo joelho estourado lhe abreviara a carreira, bebia a conversa fácil de uma das figuras mais geniais do futebol brasileiro. Do outro lado da voz rouca estava Elba de Pádua Lima, o saudoso Tim, então técnico do Guarani, que até hoje ele considera seu grande mestre.

Em julho do ano passado, ao deixar o São Paulo, Cilinho declarou que não via futuro para o futebol brasileiro. "É coisa séria e deve ser dirigido por gente séria." Quinta-feira, voltando para São Paulo, ele tinha um sorriso enigmático nos lábios.

Paulo Roberto Pereira e Tonico Duarte

# EM PAZ COM O MUNDO OUTRA VEZ

*O técnico admite voltar, mas não abre mão de sua filosofia: um bom futebol é mais importante que ganhar títulos*

Sentado em frente à janela de seu apartamento na avenida Atlântica, na Praia do Leme, zona sul do Rio de Janeiro, Telê Santana só tem uma preocupação: saber se haverá bom tempo. Afinal, ele não vê a hora de voltar para sua fazenda de 30 alqueires no município de Posse, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, onde, ao lado de dona Ivonete, sua mulher, tem passado a maior parte dos dias.

A Fazenda Os Contrões, que já está sendo rebatizada como Fazenda Santana, é a nova paixão de Telê. Lá, ele cuida da criação de gado, galinhas e porcos, e da plantação de tomate, pepino, milho e feijão. E ainda dirige um trator com alguma perícia. Mas não fica distante do mundo.

Tanto que mandou instalar uma antena parabólica para ter condições de assistir às transmissões de jogos de futebol de boa parte do país. “É porque gosto de ficar bem-informado”, trata de explicar.

Nessa tarefa, porém, conta com o auxílio de uma grande rede de amigos. Pouco antes de morrer, no ano passado, o jornalista Janos Lengyel, de *O Globo*, mandou-lhe um recorte do jornal inglês *Herald Tribune*, até hoje guardado com carinho pelo treinador. Não é para menos. Em editorial, o jornal implorava para que Telê não abandonasse o futebol.

“No Brasil, não valem nada. Mas no exterior somos reconhecidos”, observa.

Há um mês, quase Telê atendeu ao apelo do jornal inglês. Chegou a acertar um contrato para dirigir o Al Ahli, da Arábia Saudita, mas decidiu voltar atrás. “Eles queriam um compromisso de dois anos”, justificou. E explica que sua intenção era permanecer lá apenas três meses, tempo suficiente para ajudar o time a sair da incômoda oitava posição no campeonato.

**PASSARINHO LIVRE** — “Não tenho mais paciência para agüentar futebol por muito tempo”, comenta. “Chega o que passei nas duas últimas Copas do Mundo”, desabafa. E não se contém: “Sabe de uma coisa? Quando a Copa de 1986 terminou, eu me senti como um passarinho que acabara de fugir da gaiola”.

Para Telê, as críticas foram muito longe. Ele lembra, com expressão tensa, um desenho do chargista Marco Aurélio publicado no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em que seu rosto aparece num corpo de burro. “Isso foi mesmo demais”, comenta, ainda revoltado.

Oito meses depois da Copa, sua opinião permanece inalterada. “A Seleção Brasileira não fez vergonha no México, como se falou”, rebate. E recorre outra vez à imprensa es-



Na fazenda no município de Posse:

trangeira para se defender. “Segundo um jornal da Alemanha Ocidental, o Brasil foi a segunda melhor seleção do Mundial, depois da Argentina”, explica. “Continuo achando que mostrar um bom futebol é mais importante que ganhar títulos.”

Com esse pensamento, Telê não podia mesmo deixar de criticar o comportamento tático da maioria das equipes brasileiras hoje. E conta que saiu indignado do Maracanã, no dia 8 de fevereiro, depois de ver o Fluminense derrotar o São Paulo, por 1 x 0, pela Copa Brasil. “Nunca vi disso”, garante, incrédulo. “O Flu, com um jogador a mais, não pressionava. E o São Paulo, satisfeito com a derrota por apenas 1 x 0, só tocava a bola.” Para o técnico, é preciso sempre jogar para vencer. “Temos de nos convencer de que ainda somos os melhores do mundo.”



com tempo para cuidar das plantações e ainda ver televisão via satélite



Satisfeito com o isolamento: "Não troco esta vidinha por nada por enquanto"



Telê no Rio: só a negócios

Telê afasta a idéia de escrever um livro de memórias. "Não poderia citar nomes", observa. "Mas não há dúvida de que teria boas histórias." E recorda o dia da estréia da Seleção no México. "Chamei o zagueiro Júlio César para uma conversa", rememora. "Se ele demonstrasse nervosismo, seria substituído por Oscar. Ele foi firme, porém. Disse que estava pronto e com muita vontade."

Em seguida, conta um caso que não chegou à imprensa. "Gilberto Tim quase saiu no braço com um jogador", revela. "Dois dias mais tarde, consegui fazer a reconciliação. E ninguém ficou sabendo da briga", lembra, orgulhoso. Mas faz questão de manter em segredo o nome do jogador.

**IMAGEM DESGASTADA** — Voltar a dirigir a Seleção Brasileira está fora dos planos de Telê. "Cuidar de um time, ainda pode ser", aceita. "Mas não por enquanto. Não troco essa vidinha na fazenda por nada." Apesar da mágoa com o tratamento recebido de boa parte da imprensa, Telê não se queixa da torcida. Ao retornar do México, não chegou a ser agredido ou ofendido nas ruas. Mesmo assim, acha que sua imagem está muito desgastada. "Não sou o prepotente descrito pelos jornais durante as duas Copas", assegura. "Quem não gosta de mim é porque não me conhece. Sou um cara muito legal."

Paulo Roberto Pereira

## XVII BOLA DE PRATA

*A briga entre Careca e Evair pega fogo. Seus gols decidem o título e as Bolas de centroavante e artilheiro*

### GOLEIRO

1.º Régis (Amé) .....	7,60
2.º Zé Carlos (Fla) .....	7,59
3.º Luís Henrique (Cri) .....	7,55
4.º Gilmar (Ban) .....	7,46
5.º Martorelli (Pal) .....	7,44
6.º Carlos (Cor) .....	7,42

### LATERAL-DIREITO

1.º Alfinete (Joi) .....	7,29
2.º Zanata (Ba) .....	6,95
3.º Luís Carlos (Inter-RS) .....	6,75
4.º Marco Antônio (Gua) .....	6,63
5.º Édson (Cor) .....	6,60
6.º Paulo Roberto (Vas) .....	6,53

### ZAGUEIRO-CENTRAL

1.º Bene (Amé) .....	7,21
2.º Ricardo (Flu) .....	7,09
3.º Ricardo (Gua), Wágner (SP) e Alexandre Torres (Flu) .....	7,00
6.º Baidek (Grê) .....	6,77

### QUARTO-ZAGUEIRO

1.º Darío Pereyra (SP) .....	7,41
2.º Aloísio (Inter-RS) .....	7,28
3.º Luizinho (Atl-MG) .....	7,26
4.º Vágner (Pal) .....	7,18
5.º Mozer (Fla) .....	7,13
6.º Gilson Jáder (Gua) .....	6,78

### LATERAL-ESQUERDO

1.º Eduardo (Flu) .....	7,16
2.º Nelsinho (SP) .....	7,15



Evair e Careca têm cobiça pelo troféu e para isso estão mostrando talento e garra

EDUARDO POZELLA

3.º Zé Mário (Gua) .....	7,00
4.º Aldair (Fla) .....	6,73
5.º Wladimir (PP) .....	6,71

### MÉDIO-VOLANTE

1.º Bernardo (SP) .....	7,36
2.º Douglas (Cru) .....	7,21
3.º Jandir (Flu) .....	7,15
4.º Andrade (Fla) .....	7,06
5.º Airton (Inter-RS) .....	7,00
6.º Elzo (Atl-MG) .....	6,94
7.º Tosin (Gua) .....	6,66

### MEIA-ARMADOR

1.º Pita (SP) .....	7,45
2.º Zenon (Atl-MG) .....	7,28
3.º Renato (Amé) .....	7,23
4.º Marco Antônio Boiadeiro (Gua) e Gérson Caçapa (Pal) .....	7,11
6.º Leomir (Flu) .....	7,06
7.º Vanderlei (Cri) .....	7,00

### PONTA-DE-LANÇA

1.º Jorginho (Pal) .....	7,53
2.º Silas (SP) .....	7,31
3.º Barbiéri (Gua) .....	7,20
4.º Tita (Inter-RS) .....	7,16
5.º Lira (Ce) .....	7,14
6.º Éverton (Atl-MG) .....	7,09
7.º André (CSA) .....	6,76

### PONTA-DIREITA

1.º Sérgio Araújo (Atl-MG) .....	7,23
2.º Róbson (Cru) .....	7,10
3.º Maurício (Bota) .....	7,06

4.º Müller (SP) .....	6,85
5.º Osmarzinho (Atl-GO) .....	6,84
6.º Chiquinho Carioca (Gua) .....	6,76

### CENTROAVANTE

1.º Careca (SP) .....	7,90
2.º Evair (Gua) .....	7,28
3.º Mirandinha (Pal) .....	7,27
4.º Washington (Flu) .....	7,07
5.º Luisinho (Amé) .....	7,04
6.º Cláudio Adão (Ba) .....	7,00

### PONTA-ESQUERDA

1.º João Paulo (Gua) .....	7,47
2.º Valdo (Grê) .....	7,05
3.º Edu (Pal) .....	6,83
4.º João Paulo (Cor) .....	6,77
5.º Sídney (SP) e Romário (Vas) .....	6,70

### BOLA DE OURO

1.º Careca (SP) .....	7,90
2.º Régis (Amé) .....	7,60
3.º Zé Carlos (Fla) .....	7,59
4.º Luís Henrique (Cri) .....	7,55
5.º Jorginho (Pal) .....	7,53
6.º João Paulo (Gua) .....	7,47
7.º Pita (SP) .....	7,45

As notas da Bola de Prata, é sempre bom lembrar, passaram a ser computadas apenas na segunda fase da Copa Brasil. Os jogadores que não conseguiram alcançar o número mínimo de doze partidas, previsto no regulamento, já foram eliminados. Não estão incluídas as notas do fim de semana passado.



**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**

**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO DO  
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**

**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**